

Metáforas na língua Kanoé

Enrique Huelva Unternbäumen

Universidade de Brasília (UnB), Brasil
<https://orcid.org/0000-0001-7456-7745>

Leticia de Souza Aquino

Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEE-DF), Brasil
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI - UnB)
<https://orcid.org/0009-0008-2216-7449>

Lucas Barbosa de Melo

Instituto Federal de Brasília (IFB), Brasil
Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI - UnB)
<https://orcid.org/0000-0002-8161-6784>

ABSTRACT: This article aims to describe some metaphors in the Kanoé culture and language, classified as isolated according to Rodrigues (1986). This research is based on the Contemporary Theory of Metaphor (TCM), which understands metaphor as a central mechanism of human cognition, playing a crucial role in the construction, organization and understanding of the world and human experience (Lakoff; Johnson 1980, 1999). The corpus that constitutes the empirical basis of the work was constructed from data collected in the field by Bacelar (1992-2019) and Aquino (2020-2025). Based on the analysis of data on the categorization of time, the division of the day and the metaphorical use of body parts, the study reveals how the Kanoé use corporal and spatial metaphors to organize abstract concepts, such as time, knowledge about different areas of life, activities and social interactions and how they metaphorically conceptualize their intertwined relationship with the ecosystems they inhabit.
KEYWORDS: Kanoé language; Contemporary theory of metaphor; Categorization; Time

RESUMO: Este artigo tem como objetivo descrever metáforas na cultura e na língua Kanoé, classificada como isolada conforme Rodrigues (1986). Esta pesquisa fundamenta-se na Teoria Contemporânea da Metáfora (TCM), a qual compreende a metáfora como um mecanismo central da cognição humana, desempenhando um papel crucial na construção, organização e compreensão do mundo e da experiência humana (Lakoff; Johnson 1980, 1999). O corpus que constitui a base empírica do trabalho foi construído a partir de dados coletados em campo por Bacelar (1992-2019) e Aquino (2020-2025). A partir da análise de dados sobre a categorização do tempo, a divisão do dia e o uso metafórico de partes do corpo, o estudo revela como os Kanoé utilizam metáforas corporais e espaciais para organizar conceitos abstratos, como o tempo, o conhecimento sobre diferentes âmbitos da vida, as atividades e interações sociais e como conceituam metaforicamente a sua imbricada relação com os ecossistemas que habitam.

PALAVRA-CHAVE: Língua Kanoé; Teoria contemporânea da metáfora; Categorização; Tempo

1. Considerações iniciais

A Teoria das Metáforas Conceituais (TCM), proposta por Lakoff e Johnson (1980, 1999), estabelece que o pensamento humano é intrinsecamente estruturado por metáforas, que vão além de figuras de linguagem para desempenhar um papel fundamental na organização cognitiva. Essa perspectiva sugere que conceitos abstratos, como tempo, emoções e valores,

são compreendidos por meio de conceitos concretos, enraizados em experiências sensoriais e corporais. Essa abordagem revela como diferentes culturas constroem suas visões de mundo, utilizando metáforas profundamente conectadas às suas vivências físicas e cotidianas.

Paralelamente, os processos metonímicos também estruturam a linguagem, o pensamento e as ações humanas. Embora tanto a metáfora quanto a metonímia se baseiem na experiência, a metonímia tende a apresentar associações mais diretas, frequentemente físicas ou causais (Barcelona 2003: 93). Littlemore (2015) descreve a metonímia como um mecanismo cognitivo e linguístico que utiliza um conceito simples ou concreto para acessar algo mais complexo ou abstrato, permitindo que uma entidade remeta a outra com a qual está relacionada, no âmbito do mesmo domínio conceitual

Com base na TCM (Lakoff 1987; Lakoff e Johnson 1980, 1999; Gibbs 2006; Littlemore 2015; entre outros), este artigo investiga como metáforas e metonímias estão presentes na língua Kanoé, classificada como isolada e falada por um pequeno grupo na Amazônia. A pesquisa analisa como essas expressões linguísticas refletem as experiências corporais, sociais e cosmológicas dos Kanoé, demonstrando a íntima relação entre linguagem, cognição e cultura na construção de significados.

Ao integrar teoria e análise empírica, este estudo contribui para uma compreensão mais ampla das metáforas e metonímias como mecanismos centrais na expressão do pensamento humano e da experiência em culturas indígenas. O corpus analisado foi elaborado a partir de dados coletados em campo por Bacelar (1992-2019) e Aquino (2020-2025).

O artigo está estruturado em cinco seções. A Seção 1 apresenta as considerações iniciais, seguidas pela Seção 2, que aborda o contexto sociocultural do povo Kanoé e sua língua. A Seção 3 expõe a fundamentação teórica da Teoria das Metáforas Conceituais e da metonímia. Na Seção 4, são discutidas as expressões metafóricas e metonímicas no idioma Kanoé, com base no corpus linguístico. Por fim, a Seção 5 traz as considerações finais, destacando as contribuições da pesquisa para os estudos de linguística e cognição cultural.

2. O povo Kanoé

Historicamente, segundo Munuzinho Kanoé, o território tradicional dos Kanoé abrangia as margens do Rio Corumbiara e as nascentes do Rio Tanaru, cujo nome é o mesmo na língua Kanoé (Algayer 2023: 5). O contato dos Kanoé com não indígenas teve início no começo do século XX, durante a expansão do ciclo da borracha no Vale do Guaporé, com a implantação de diversos seringais no território tradicional da etnia (Meireles 1989).

Esse processo resultou na dispersão territorial e na desarticulação do grupo, acarretando mudanças significativas no modo de vida dos Kanoé. Atualmente, o povo Kanoé conta com aproximadamente 251 pessoas,¹ distribuídas em quatro Terras Indígenas (TIs) situadas no sul de Rondônia: TI Rio Guaporé, TI Sagarana, TI Rio Branco e TI Rio Omerê.

Apesar do contato mais amplo estabelecido desde o início do século XX, os Kanoé que vivem na TI Rio Omerê só estabeleceram contato com a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (Funai) em 1995, em um contexto marcado por graves ataques genocidas perpetrados por fazendeiros e empresários da região que dizimaram grande parte desse grupo.

Culturalmente, os Kanoé compartilham práticas comuns a outros povos indígenas amazônicos, como a produção de *chicha*, a realização de rituais de pajelança e o consumo de tabaco e rapé, sendo este último, especialmente o rapé de angico, de grande relevância entre os Kanoé do Omerê. No passado, a produção de cerâmica simples fazia parte de suas tradições.

¹ Disponível em: <https://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias>. Acesso em 03/01/2025.

Atualmente, destacam-se a confecção de *urutxi* ‘cestos cilíndricos’ e o cultivo de alimentos como *atiti*² ‘milho’ e *txuã* ‘mandioca’.

A mitologia dos Kanoé refletia uma conexão intrínseca com a natureza, com divindades como *kwaryry*, o deus do milho. Havia também um sincretismo religioso marcante, no qual figuras cristãs, como Jesus Cristo, eram associadas a espíritos tradicionais, como *Arakwamu* e *Toãku*, especialmente entre os Kanoé da TI Rio Guaporé.

Os Kanoé da TI Rio Omerê, atualmente, são formados por apenas quatro membros de uma mesma família: Tsiramanty, Pura e Bukwa, que são os três últimos falantes plenos da língua Kanoé, uma língua em alto risco de extinção. Bukwa e sua esposa, Celita Aruá, tiveram um filho, Kwikaj Kanoé Aruá, nascido em 2023. Eles vivem na Terra Indígena Rio Omerê, homologada em 2006 após intensos esforços de preservação liderados pelos sertanistas e indigenistas da Funai, Marcelo dos Santos e Altair Algayer.

3. A língua Kanoé

A língua Kanoé é classificada como uma língua isolada, sem evidências de parentesco genético com outras línguas conhecidas, conforme apontado por Rodrigues (1986). Seu sistema fonológico compreende 28 fonemas, sendo 12 consoantes, 2 glides (/j/ e /w/) e 14 vogais, das quais 7 são orais e 7 nasais. Tipologicamente, o Kanoé é uma língua polissindética, aglutinante com predominância sufixal, com palavras formadas pela justaposição de morfemas dotados de significado próprio (Bacelar 1992, 2004).

A morfologia verbal da língua apresenta alta complexidade, permitindo a formação de palavras a partir de raízes simples e o uso extensivo de processos como sufixação, incorporação e reduplicação. Segundo Bacelar (1992, 2004), a reduplicação é especialmente comum para marcar frequência e intensidade em verbos. A língua possui um sistema nominal organizado em 23 classificadores, muitos dos quais são lexicalizados. Esses classificadores têm papel central na categorização de objetos com base em propriedades físicas perceptíveis (Bacelar 2004: 99-134).

A língua Kanoé conta com seis classes principais de palavras: nomes, pronomes (pessoais, possessivos, interrogativos e demonstrativos), numerais (ou quantificadores), verbos (alguns com raízes qualificativas, que funcionam como adjetivos), advérbios (relacionados a tempo, lugar, intensidade, entre outros), e partículas e conectores, que desempenham funções explicativas ou disjuntivas (Bacelar 2004: 159-167).

A ordem sintática predominante no Kanoé é Sujeito-Objeto-Verbo (SOV). A marcação de caso é usada para indicar as relações entre palavras, enquanto a morfologia verbal recorre a uma gama de sufixos e prefixos para expressar tempo, modo, pessoa e outros elementos gramaticais essenciais (Bacelar 2004).

4. Metáforas e metonímias na língua Kanoé

A língua Kanoé apresenta um complexo sistema linguístico fundamentado em processos metafóricos e metonímicos, especialmente perceptíveis na formação de antropônimos e no uso de classificadores nominais. Esses mecanismos, conforme Bacelar

² Neste trabalho utiliza-se a ortografia da língua Kanoé elaborada por Bacelar juntamente aos Kanoé com base em trabalhos publicados entre 2004 e 2010, com algumas adaptações desenvolvidas por Aquino juntamente aos Kanoé (2020-2024) com base nos trabalhos de campo desenvolvidos durante sua pesquisa-ação de doutorado, como a utilização do grafema *w* em *awa* ‘arara’ para representar o som da semivogal /w/ ao invés de *ava* e o grafema *ä* ao invés de *æ*, bem como a utilização de vogais nasais ao invés de vogal oral mais consoante nasal em casos como *ökwatsikwa* ao invés de *onkwatsinkwa*.

(2004), não apenas refletem a estrutura lexical da língua, mas também evidenciam conexões profundas com a experiência cultural e cognitiva de seus falantes.

No caso dos antropônimos, Bacelar (2004) identifica o uso de metáforas funcionais e metonímias como elementos centrais para nomeação. Alguns nomes possuem significados simbólicos ou prognósticos, como *okynoe* ‘será como cobra’, que utiliza uma metáfora para associar a pessoas características comportamentais do animal. Por outro lado, há nomes que seguem uma lógica metonímica, como *voroako* (feminino, ‘mancha nas costas’) e *kuminoekj̄j* (masculino, ‘esperto no trabalho’), que destacam atributos físicos ou habilidades específicas do indivíduo (Bacelar 2004: 283), alguns desses dados somente reconhecidos pelo grupo dos Kanoé do primeiro contato cujos últimos falantes faleceram.

O sistema de classificadores nominais na língua Kanoé é outro campo onde a presença de metáforas e metonímias é marcante. Bacelar (2004) identifica 23 classificadores, divididos em duas categorias principais: classificadores transparentes e classificadores opacos. Os classificadores transparentes possuem origem lexical clara, associada a propriedades físicas ou funcionais evidentes. Por exemplo, o classificador *kwa*, derivado de *tekwa* ‘semente’, é usado para categorizar objetos pequenos e compactos, como sementes. Já os classificadores opacos são resultantes de processos de gramaticalização, que obscurecem sua ligação com a origem lexical.

As metáforas e metonímias desempenham um papel crucial nesse sistema de classificação, ao selecionar propriedades salientes dos objetos como critérios de categorização. Littlemore (2015: 36-37) observa que as características mais destacadas de um elemento, como sua forma, material ou estado físico, tornam-se o fundamento para sua classificação. Assim, o sistema de classificadores Kanoé organiza objetos com base em atributos geométricos (reto, oblongo, arredondado, pontiagudo, cônico), físicos (dureza, maleabilidade) ou estados (pastoso, líquido).

A análise desses classificadores demonstra como a língua reflete a percepção e a organização cultural do mundo pelos falantes. Nesse contexto, a categorização lexical vai além de critérios meramente formais, revelando uma relação intrínseca entre linguagem, cultura e cognição. Essa conexão evidencia como os processos metafóricos e metonímicos se entrelaçam com as experiências cotidianas e culturais dos falantes para estruturar o léxico e, por extensão, o pensamento.

Os Quadros 1 e 2 apresentados por Bacelar (2004) ilustram de maneira clara os classificadores nominais da língua Kanoé. O Quadro 1 organiza os classificadores transparentes, enquanto o Quadro 2 apresenta os classificadores opacos, resultantes do processo de gramaticalização.

Quadro 1. Classificadores semanticamente transparentes

CLASIFICADOR	ORIGEM ETMIMOLÓGICA	ITENS CLASSIFICADOS	EXEMPLO
-kaña	kaña ‘farinha’	farinhas, massas e paçocas	atiti-kaña ‘farinha de milho’
-tinu	tinu ‘sopa’	sopas, pastas, lama, barro, argila, coisas pastosas	ivo-tinu ‘sopa de cará’
-ko		cocos, frutos de casca dura e arredondados e afins	karana-ko ‘fruto de patauí’
-ko		insetos (arredondados)	nã-ko ‘besouro’
-ky	y ‘espinho’	insetos com ferrão, objetos cônicos e alongados	tarua-ky ‘bicho-pau’
-mũ		Líquidos (bebidas), relacionado a líquido	āj-mũ ‘chá de folha’
-nu		objetos pontiagudos, protuberâncias pontiagudas	numu-nu ‘borduna’
-ñu			i-ka-ñu ‘nariz, bico de ave, bico de pássaro’
-ty		fios, linhas, cordas, cipós, objetos lineares	oti-ty ‘fio de algodão’
- tekwa	tekwa ‘semente’	sementes, caroços e afins	atiti-tekwa ‘arroz’
- tikwa			mãpi-tikwa ‘cartucho para espingarda’
-kwa		objetos naturalmente miúdos	pyryry-kwa ‘piaba’
-ka		madeira, duro como madeira	mapi-ka ‘arco de flecha’
- kutä	i-kutä ‘cabeça’	cabeça, em forma de cabeça, bola, relacionado à cabeça	po-kutä ‘cabaça’
- tä		côncavo e arredondado, objetos similares ou afins	parätä ‘prato, panela etc.’

Fonte: Bacelar (2004) com atualizações ortográficas.

Quadro 2. Classificadores semanticamente opacos

CLASIFICADOR	ETMIMOLOGIA	ITENS CLASSIFICADOS	EXEMPLO
.ky		Frutas	äky ‘banana’
.ni	kuni ‘água’	relacionado a água, líquido	kuni ‘água’
.ra		determinados mamíferos	pyrä ‘rato’
.re		aves e pássaros	kore ‘papagaio’
.re		determinados mamíferos	‘tatu canastra’
.ro		aves e pássaros	ororo ‘juriti’
.ti		sementes e frutas	mati ‘fruta’
.tsi		tamanho do objeto: “grande”	wowotsi ‘coruja’

Fonte: Bacelar (2004) com atualizações ortográficas.

Portanto, a língua Kanoé oferece uma valiosa perspectiva sobre o papel das metáforas e metonímias na formação do léxico e na organização cognitiva e cultural, evidenciando como esses processos são centrais para a construção de significado. O sistema de classificadores, por

sua vez, reflete a aplicação de estratégias de mapeamento metonímico e metafórico para estabelecer uma estrutura organizacional eficiente, que permite referir-se a uma variedade de objetos com base em uma ou mais características salientes e culturalmente significativas. Essa dinâmica ilustra como a cognição humana, fundamentada em experiências sensoriais e práticas, tende a agrupar e categorizar informações a partir de atributos perceptíveis e funcionais.

4.1 O papel das metáforas conceituais e da corporificação na língua Kanoé

A Teoria das Metáforas Conceituais (TCM) sustenta que o pensamento humano é metafórico e fundamentado na experiência corporal, ou *embodiment* (Gibbs 2006). Na língua Kanoé, esse princípio manifesta-se no uso de metáforas derivadas de partes do corpo, como *ikutä* ‘cabeça’, *iy* ‘cabelo’, *ikÿj* ‘olho’, *itso* ‘mão’ e órgãos internos como *iry* ‘fígado’. Essas partes do corpo atuam como domínios-fonte para a construção de conceitos abstratos, destacando o papel central do corpo na cognição. Complementarmente, metonímias também desempenham um papel significativo na estruturação do vocabulário Kanoé.

Fenômenos semelhantes são encontrados em diversas línguas. Ning Yu (2003) identificou, no chinês, o uso de *xīn* ‘coração’ para expressar emoções e aspectos de moralidade. Sharifian (2011), por sua vez, destacou no persa o emprego de metáforas relacionadas ao fígado para descrever estados emocionais. No contexto das línguas indígenas brasileiras, Carvalho e Melo (2019) documentaram na língua Kaiowá a associação do fígado ‘*py’a*’ como o *locus* das emoções. Já na língua Xerente, Cotrin (2017) descreve que várias experiências físicas e psicológicas podem ser expressas por meio de referências a partes do corpo humano. O morfema *pkē* ‘coração’, por exemplo, é utilizado para designar uma ampla gama de estados emocionais.

Esses dados reforçam a hipótese de que o corpo humano constitui uma base universal para a criação de metáforas, conectando experiência corpórea e estruturas linguísticas, como argumentam Gibbs (2006) e Lakoff e Johnson (1999). Segundo Gibbs (2006: 9), metáforas linguísticas refletem percepções sensoriais e ações físicas, sustentando tanto a cognição quanto a produção linguística. No caso do Kanoé, as metáforas são moldadas por experiências físicas e ecológicas específicas, evidenciando a relação entre corpo e cultura.

A seguir, serão analisados os principais domínios-fonte baseados no corpo e na natureza na língua Kanoé.

*iy*³ ‘cabelo’

Na língua Kanoé, o termo *iy* ‘cabelo’ apresenta uma diversidade de usos semânticos, sendo empregado para designar não apenas o cabelo humano e o pelo de animais, mas também folhas de árvores específicas, penas de aves e partes de animais e plantas. Adicionalmente, *y* está associado a uma classe de classificadores que categorizam elementos afilados na cultura Kanoé, com origem etimológica na palavra *y* ‘espinho’ e também em chifres de animais, como exemplificado em *jūwio y* ‘chifre do veado’. Essa relação ilustra uma metáfora conceitual do tipo *image metaphor*, na qual o domínio-fonte (*cabelo*) e o domínio-meta (folhas, penas etc.) são conectados por semelhanças perceptuais (Ruiz de Mendoza e Pérez-Hernández 2011: 171).

³ O prefixo *i-* que acompanha a maioria das partes do corpo humano e com *i-y* ‘cabelo’ é analisado por Bacelar (2023) como raiz neutra (RN-), porém Aquino analisa este morfema como prefixo relacional (PR-) o qual possui relação semântica com função metonímica coadunando partes em relação ao todo no escopo dos nomes; já no escopo dos verbos possui forte relação com verbos cognitivos, como gostar, saber, conhecer etc., nessa língua, conforme Aquino (2024), os quais são tratados por Bacelar (2004, 2023) como marca de pessoa; segundo Aquino (em investigação), o morfema {*i-*} possui características que possibilitariam suposições de ser esse morfema possível vestígio de um sistema mais amplo de prefixos relacionais em uma fase mais conservadora dessa língua (estudo em fase de elaboração).

As folhas designadas por *iy* pertencem a árvores culturalmente significativas para o povo Kanoé, como o jatobá ‘*byko*’, o buriti ‘*patay*’, o aricuri ‘*tě̃ti*’, o tucum ‘*pătako*’, o angico ‘*atsimi*’ e a paxiúba ‘*iyryka*’. Essa relevância cultural desempenha um papel central na construção metafórica de significados derivados do corpo humano. De acordo com Maalej e Yu (2011: 3-6) e Gibbs (2006: 36-39), o fenômeno do *embodiment* deve ser compreendido como um processo de *cultural embodiment*, no qual os significados metafóricos refletem contextos específicos da cultura.

No caso do Kanoé, embora exista o termo *ay* para designar folhas de modo geral, *iy* é reservado a espécies de alta importância cultural. Essa distinção semântica ressalta a relação entre o corpo e a construção cultural de sentido, sublinhando a especificidade dos valores atribuídos a esses elementos na cultura Kanoé.

- | | | | |
|-----|--|-------------------------|-------------------------|
| (1) | <i>byko</i>
jatobá-POSS ⁴
‘folha do jatobá’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do jatobá |
| (2) | <i>pătako</i>
tucum- POSS
‘folha do tucum’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do tucum |
| (3) | <i>patay-o</i>
buriti-POSS
‘folha do buriti’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do buriti |
| (4) | <i>tě̃ti-o</i>
aricuri-POSS
‘folha do aricuri’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do aricuri |
| (5) | <i>ika-o</i>
inajá- POSS
‘folha do inajá’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do inajá |
| (6) | <i>a-o</i>
fumo- POSS
‘folha de fumo’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo do fumo |

A palavra *iy* também é empregada para referir-se às penas de determinadas aves, como a arara e o tucano, bem como à pétala de flores e à asa da abelha Europa.

- | | | | |
|-----|--|-------------------------|--|
| (7) | <i>awa-o</i>
arara-POSS
‘pena da arara’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | lit.: cabelo da arara |
| (8) | <i>Bukwa awa</i>
Bukwa arara
‘Bukwa tirou as penas da arara’ | <i>i-y</i>
PR-cabelo | <i>ta-kě</i> RV-tirar
lit.: Bukwa tirou os cabelos da arara |

⁴ Glossas: 1 = 1ª pessoa, singular ou plural; 1SG = 1ª pessoa do singular; APL = aplicativo; AUX = (verbo) auxiliar; CLASS = classificador; CLE = classificador nominal específico; COP = verbo copulativo; DECL= declarativo; DIM = sufixo diminutivo; DIR = direcional; FEM = feminino; OBL = oblíquo; POSS = possessivo; PR = prefixo relacional; RN = raiz neutra; RV = raiz verbal; TRA = transitivo.

- (9) *ñake-o* *i-y* lit.: cabelo do tucano
 tucano- POSS PR-cabelo
 ‘pena do tucano’
- (10) *nukũ* *eriti-o* *i-y-ko* lit.: cabelo arredondado da abelha Europa
 abelha Europa- POSS PR-cabelo-CLASS.arredondado
 ‘asa da abelha Europa’
- (11) *i-ati-o* *i-y-ko* lit. cabelo arredondado da flor
 PR-flor-POSS PR-cabelo- CLASS.arredondado
 ‘pétala da flor’

O tema *y* também dá origem a dois classificadores nominais na língua Kanoé: *-ky*, que classifica elementos entendidos como objetos pontiagudos e certas frutas, e *-ty*, que classifica elementos relacionados a fios e linhas.

- (12) *peka-ky-tä* lit.: casca alongada de ingá
 ingá-CLASS. alongado-casca
 ‘casca do ingá grande’

itä ‘pele’

O termo *itä*, que significa ‘pele’, desempenha diversas funções na língua Kanoé, refletindo usos semelhantes aos de outras línguas indígenas da região. Ele se aplica à pele de humanos e animais, bem como à casca de árvores e frutos. Além disso, é utilizado para designar um tipo específico de ninho de aves com formato aberto, como os ninhos de galinhas e gaviões.

O vocábulo também adquire o significado de ‘roupa’, funcionando como um neologismo cultural derivado da associação simbólica entre pele e casca, evidenciando uma conexão simbiótica entre o ser humano e a natureza. Sob a perspectiva do conceito de “corpo-território” de Ailton Krenak, a origem do termo no contexto cultural Kanoé parece fundir as dimensões corporal e ecológica de forma indistinguível.

O morfema *-tä* também é encontrado no sistema de classificadores nominais transparentes, sendo usado para categorizar objetos com formas côncavas ou arredondadas. As metáforas baseadas em *itä* pertencem ao tipo *image metaphor*, motivadas por semelhanças perceptuais. Contudo, elas também expressam correspondências funcionais e conceituais, pois a pele, além de ser um elemento protetor, atua como um recipiente carregado de simbolismo que transcende sua função aparente. Essa dimensão funcional é uma característica central das metáforas desse tipo (Ruiz de Mendoza e Pérez-Hernández 2011: 171-172).

- (13) *kurakura-o* *i-tä* lit.: casca da galinha
 galinha-POSS PR-pele
 ‘ninho da galinha’
- (14) *mamajtoko* *i-tä* lit.: casca do gavião
 gavião PR-pele
 ‘ninho do gavião’
- (15) *peka-ky-tä* lit.: casca alongada de ingá
 ingá-CLASS.alongado-casca
 ‘casca do ingá grande’

- (16) *itā tsĩ-kwã* lit.: roupa pequena
 pele DIM-pequeno(a)
 ‘cueca/calcinha’
- (17) *itā iary-tã* lit.: roupa do tórax
 pele tórax-pele
 ‘blusa’
- (18) *ikyj-o-tã* lit.: roupa do olho
 olho-POSS-pele
 ‘óculos’
- (19) *i-tso-tã*⁵ lit. roupa da mão
 PR-mão-pele
 ‘luva’

O sufixo *-tã*, quando adicionado à raiz nominal *aki* ‘pedra’, forma a palavra *akitã* ‘céu’ (literalmente ‘casca da pedra’), que designa o conceito de ‘céu’ revelando como o céu é entendido como uma camada ou casca que reveste uma pedra. Essas metáforas refletem a maneira como os Kanoé compreendem o universo físico e simbólico ao seu redor.⁶

ikutã ‘cabeça’

A cabeça humana (*ikutã*) é um domínio fonte frequentemente utilizado para metáforas em diferentes línguas ao redor do mundo (Gibbs 1999; Aksan 2011), e sua aplicação na língua Kanoé evidencia uma expressiva produtividade semântica. O termo *ikutã* ‘cabeça’ serve de base para o classificador *-kutã*, empregado na categorização de elementos com formas esféricas ou arredondadas. Essa extensão semântica reflete a projeção metafórica da forma da cabeça para descrever objetos com formatos semelhantes, configurando um exemplo típico de *image metaphor*.

A funcionalidade metafórica do morfema *-kutã* também é notável nos dados em que ele atua como classificador de formas arredondadas para descrever astros esféricos. Nesse contexto, Aquino sugere uma nova tradução para a glosa, diferenciando-se de Bacelar (2004), que interpretava *-kutã* exclusivamente como ‘cabeça’, sem levar em conta seu papel classificatório em relação a objetos de forma arredondada nos exemplos analisados

- (20) *kwikaj e-re-ã* *more-kaj-e* *kwi-kutã* *e-re*
 Sol DECL-AUX-grande bom-CLE-NLZ sol-CLASS.redondo DECL-AUX
 ‘O Sol é grande, bonito e redondo é.’
- (21) *mitã ej-tã* *e-re* *more-ta-e*
 Lua grande-lua DECL-AUX bonito-CLE-NLZ
mitã-kutã-e-kjũ *kjũ-re*
 Lua-CLASS.redondo -DECL-3.IR 3.IR-AUX
 ‘A Lua é grande, bonita e redonda é.’

⁵ De acordo com Aquino (notas de campo) o vocábulo *itsotã* também é usado como sapato, mas não para chinelo conforme ensina Tsiramanty Kanoé que utiliza a palavra *txinero* ‘chinelo’ e é categórica na diferença entre os dois.

⁶ De certa forma, se conecta ao mito de origem do povo Kanoé, no qual o povo surge do barro, conforme o relato de Francisco Kanoé (*in memoriam*), documentado por Bacelar (CD-ROM 2010), ao referir-se à origem dos Kanoé como a “*gente que vem do barro, sai do barro ou é feito de barro*”. Entretanto, essa narrativa não é conhecida pelos Kanoé do Omerê, cuja transmissão oral intergeracional foi profundamente interrompida em decorrência do trágico processo de genocídio que sofreram, deixando-os sem muitas histórias atemporais de origem para compartilhar.

Além disso, *ikutä* ocorre em construções que exprimem a ideia de ‘briga’, motivado pela metonímia BODILY REACTION FOR EMOTION (Panther e Thornburg 2007). Essa metonímia estabelece uma relação em que uma reação fisiológica — como suor, rubor, aceleração cardíaca ou dor de cabeça — é utilizada para representar a emoção correspondente e/ou sua causa, no caso, o conflito ou a briga, além do uso literal para dor de cabeça, conforme exemplo (22).

- (22) *ikutä* *iwe-re* lit.: a cabeça está doendo
 cabeça dor-DECL-AUX
 ‘brigar’

itso ‘mão’

O termo *itso* ‘mão’ e suas partes desempenham um papel central na língua Kanoé, servindo de base para verbos como *peōtsō* (‘dar’ e ‘pegar’), exemplificando uma metáfora primária (Grady 1997). Segundo a Teoria Contemporânea da Metáfora, essas metáforas emergem de experiências físicas e sensoriais fundamentais, sendo projetadas para conceitos mais abstratos. Nesse caso, a manipulação de objetos com as mãos é associada a ações cognitivas e sociais mais complexas, como ensinar e aprender, ambos expressos pelo mesmo verbo.

Esse mapeamento metafórico conecta ao domínio concreto da mão e de ações manuais ao domínio abstrato dos processos de conhecimento e transmissão de informações. A mão, usada fisicamente para pegar ou dar objetos, torna-se uma metáfora para "pegar" ou "dar" conhecimento, revelando uma relação intrínseca entre o corporal e o cognitivo na linguagem Kanoé.

Nos usos mais concretos, relacionados a ações físicas, *itso* reflete o mapeamento metonímico AÇÃO PELO INSTRUMENTO, ou mais especificamente, BODY PART FOR ACTION (Barcelona 2003: 11-12). A ação de dar é mediada pelo instrumento *mão*. No âmbito metafórico, o ato de ensinar é estruturado como ENSINAR É DAR ALGO COM A MÃO, mostrando como conceitos de instrução se ancoram na experiência corporal.

- (23) *ñä* *ātä* *weo-ō-to* *eko* *aj*
 POSS1SG tia perguntar-1-TRA COP 1SG
namu *ō-tsi* *mo-e-re*
 remédio 1-ter APL.POSS-DECL-AUX
pe-φ-tso *ō-erĩ* *ñä* *wae-nake*
 dar-3-mão DECL1-COP POSS1SG primo-FEM
 ‘Minha tia me perguntou se eu tenho remédio para dar para minha prima’

- (24) *Pura kãn-doj* *Kanoé* *wara-wero* *pe-ō-tsō*
 Pura criança-COL Kanoé fala-CLV dar-1-mão
 Lit.: Pura dá a fala Kanoé às crianças
 ‘Purá ensina fala Kanoé às crianças’

- (25) *pe-ō-tsō*
 dar-1-mão
 ‘Pega!’ ‘Me dá!’

itwa ‘pescoço’

O mesmo fenômeno se observa em relação a outras partes do corpo, como o pescoço (*itwa*). Conforme Bacelar (2004), "o morfema {-*twa*} ocorre de maneira restrita e sistemática com determinadas raízes que denotam estados físicos ou de saúde, possuindo uma relação

direta ou indireta com o 'pescoço' e/ou 'garganta', especialmente para expressões como 'estar rouco' e 'estar gripado'. Esses usos do morfema são motivados pela metonímia EFEITO PELA CAUSA (pescoço gripado/ronco pela gripe), documentada também em outras línguas como recurso linguístico para expressar doenças (Barcelona 2003: 43-44).

- (26) *aj oj-õ-twa e-re*
1SG gripar-1-pescoço DECL-AUX
'eu estou gripado'
- (27) *mi koko-pe-twa e-re*
2SG rouco-2-pescoço DECL-AUX
'Você está rouco'
- (28) *aj karo-õ-twa k-e-re* lit.: 'pescoço não está duro'
1SG duro-1-pescoço NEG-DECL-AUX
'Eu estou fraco'

Um uso diferente do termo pescoço '*twa*' está registrado no exemplo a seguir, legitimado pela metonímia BODY PART FOR ACTION.

- (29) *Bukwa Celita uja-ø-twa e-re*
Bukwa Celita abraçar-3-pescoço DECL-AUX
'Bukwa está abraçando Celita'

ikỹj 'olho'

O termo *ikỹj* 'olho' ocorre em construções verbais como *mõkỹj* ('dormir' e 'sonhar') e em expressões que descrevem objetos redondos, como botões de roupa. No primeiro caso, seu uso é motivado pela metonímia conceitual BODY PART FOR ACTION, em que a parte do corpo é utilizada para representar a ação associada. No segundo, a aplicação é explicada por uma *image metaphor*, baseada em correspondências perceptivas ou funcionais entre o domínio fonte 'olho' e o domínio alvo (casa de botão de roupa).

- (30) *itã-kỹj* lit.: pele/casca de olho
pele-Ø-olho
'camisa de botão'
- (31) *itã-o-kỹj* lit. olho da pele/casca
pele-POSS-olho
'botão da roupa'
- (32) *kani mõ-ø-kỹj n-e-re*
criança dormir-3-olho 3-DECL-AUX
'O menino está dormindo.'
- (33) *opera mo-ø-kỹj e-re*
onça dormir-3-olho 3-DECL-AUX
'O cachorro dormiu.'

(34) *aj mo-õ-kÿj õ-e-re ña munãw-ni*
 1SG dormir-1-olho 1-DECL-AUX POSS1SG rede-OBL
 ‘Eu durmo na minha rede.’

(35) *mo-ø-kÿj-to e-re*
 dormir-1-olho-TRA DECL-AUX
 ‘sonhar’

Bacelar (2004) registra a expressão *itãkÿjo wäj* para casa que recebe a raiz da palavra *kÿj* ‘olho’ como no exemplo (36). Aquino também registra o termo *tyj* para se referir a ‘casa’.

(36) *i-tã-kÿj-o wäj* lit.: ‘buraco do olho da pele’
 PR-pele-olho-POSS buraco
 ‘casa’

ãtãpätã ‘dente molar’

Em Kanoé, o termo *ãtãpätã* refere-se aos dentes molares, caracterizados pela forma côncava, e também a objetos como gamelas, coxos e canoas (Aquino, notas de campo, 2022). Além disso, é utilizado para designar meios de transporte com estruturas centrais semelhantes, como barcos, carros, bicicletas, motos e aviões, sendo este último traduzido literalmente como ‘canoa com asa’ (Bacelar 2004). Esses usos metafóricos baseiam-se em *image metaphors*, fundamentadas em semelhanças perceptivas (concavidade) ou funcionais (meios de transporte). Atualmente, os falantes do Omerê ampliaram o emprego do termo para abarcar diversos veículos usados no deslocamento de pessoas.⁷

(37) *ãtãpätã i-tsitse tsi-mo-e* lit.: ‘barco que tem asa’
 canoa RN-asa ter-APL.POSS-NLZ
 ‘avião’

(38) *ãtãpätã kũkoe* lit.: ‘canoa tatu’
 canoa tatu
 ‘automóvel’

Outra parte do corpo que desempenha a função de instrumento para a realização de uma atividade é a canela, entendida como um suporte essencial e meio físico para executar o movimento de caminhar. Essa concepção ilustra o seguinte mapeamento metafórico: AS CANELAS SÃO O INSTRUMENTO PARA CAMINHAR, além de exemplificar a metonímia INSTRUMENTO PELA CAUSA.

(39) *tete-õ-ro õ-e-re i-kaw-ni*
 andar-1-CLV 1-DECL RN-canela-OBL
 ‘Eu estou andando a pé’
 lit.: ‘Eu estou andando com as canelas.’

4.1.1 Órgãos internos

Os órgãos internos, assim como ocorre em diversas línguas do mundo, desempenham um papel central como domínios-fonte de metáforas e metonímias na língua Kanoé. De acordo

⁷ Atualmente os Kanoé do Omerê já não utilizam essas expressões para referir-se a esses meios de transporte, mas reduziram ao uso somente do termo *ãtãpätã* para avião, carro e demais meios de transporte de pessoas.

- (44) *i-kuni* lit.: ‘água do corpo’
PR-água
‘sangue’
- (45) *i-kuni-o-e* lit.: ‘água do corpo da mulher’
PR-água-POSS-mulher
‘menstruação’

Esses exemplos evidenciam a forma como a língua Kanoé integra aspectos corporais, culturais e naturais em uma visão holística do mundo. Conforme Maalej e Yu (2007: 4), tais associações ampliam a tese da corporificação, conectando elementos corpóreos e não corpóreos, alinhados a significados ecologicamente relevantes.

4.1.3 A conceituação metafórica do tempo em Kanoé

Apresentamos nesta seção estudos preliminares sobre a conceptualização do tempo na língua Kanoé, partindo do esquema básico que é a divisão do dia, manifestada metaforicamente com base na ideia metafórica geral de que TEMPO É ESPAÇO.

Embora a metáfora TEMPO É ESPAÇO seja universal, cada cultura mapeia de forma particular desta metáfora, conforme destacado por Sinha et al. (2011). As expressões linguísticas que indicam a divisão do dia em Kanoé expressam o dia em fases e relacionam-se ao deslocamento do Sol em relação ao corpo humano do falante. Ou seja, o corpo atua como um referente dêitico, correspondente à metáfora MOVING TIME, traduzida como MOVIMENTO DO OBJETO (Lakoff e Johnson 1999: 141-143; Huelva Unternbäumen 2023: 21-38).

Essa interdependência entre tempo e espaço na língua Kanoé é reforçada pela presença de morfemas direcionais (de natureza espacial) em algumas expressões temporais conforme dos dados (41), (42), (44) e (45) refletindo uma interação complexa entre as percepções temporais, espaciais e corporais. Conforme observado por Aquino (2022), o percurso do Sol ao longo do dia é dividido em sete pontos, conforme ilustrado a seguir.⁸

⁸ Kwikajo kū@morerekanoé, Rondônia, 19/12/2024.

Vídeo disponível em: <https://www.instagram.com/p/DDxaYw1vrFu/>

Ilustração 1. *Kwikajo kū* – ‘caminho do sol’

- (40) *oke* *pejake-re* lit.: ‘ainda é amanhã’
ainda amanhã-AUX.
‘Ainda é amanhã’
- (41) *aj-tu-ti-e-re*
RV-sentar-DIR.para fora-ponto-DECL-AUX
‘sentando para fora do ponto’
- (42) *kwikaj* *ty-ta-mu-ra-e-re*
sol movimentar no sentido de levantar-se (~to)-DIR. para dentro-DIR.para
cima-CLV-DECL-AUX
‘O Sol está levantando-se para o alto’
(aproximadamente 8 horas)
- (43) *kwikaj* *tso-rũ-ra-e-re*
sol RV-torrar-?-CLV-DECL-AUX
‘o sol está torrando’
(aproximadamente 8 horas)
- (44) *aj-tu-ti-e-re*
RV-sentar-DIR. para fora-ponto-DECL.AUX
‘meio-dia’
‘Sentado para fora do ponto’
tradução livre de Pura Kanoé ‘Sol reto’
- (45) *wy-waj-kaj-e-re*
RV-deslocar-RV-arder-sol-DECL-AUX
‘O sol está se deslocando do arder’

- (46) *itsaj-kaj-e-re*
noite-sol-DECL-AUX
'é dia-noite'
- (47) *itsaj-kaj-e-re* *i-ku-nũ*
noite-sol-DECL-AUX RC-caminho-CLASS-oblongo
'é o caminho oblongo da noite'

Outras expressões temporais na língua Kanoé foram descritas por Bacelar (2004) como advérbios que fazem referência ao tempo cronológico, incluindo *kamitsi* ('ontem'; 'certo dia no passado'), *mini* ~ *minĩ* ('hoje'; 'agora') e *pejake* ('amanhã'; 'outro dia'; 'depois'). Esses advérbios são semanticamente diferenciados pelos traços [+PASSADO] e [+FUTURO]. Além disso, Aquino (notas de campo, 2022) acrescenta a expressão *mirymirĩ* ('hoje'), que é amplamente utilizada pelos Kanoé do Omerê, indicando variações regionais no uso dessas formas.

Outras expressões, como *pejake totsie* ('depois de amanhã'), *o-ke* ('ainda'), *mi-ke* ('já'), *mipo* ~ *ipo* ('depois') e *nini* ('novamente'; 'outra vez'), ampliam ainda mais as nuances temporais do idioma. A expressão *nini*, embora reconhecida em outros contextos, não é utilizada pelos Kanoé do Omerê, que preferem os termos *mini* ou *mirymirĩ* para expressar as ideias de 'novamente' ou 'outra vez'. Essas variações enriquecem a gramática temporal do idioma, permitindo a descrição de continuidade, repetição e projeção no tempo, refletindo a profundidade da percepção temporal dos Kanoé.

Além dos advérbios, o sistema verbal da língua Kanoé também apresenta uma marcação precisa dos aspectos temporais. Bacelar (2004) identifica três aspectos principais: o perfectivo, o imperfectivo e o projetivo. Este último é morfologicamente marcado pelo sufixo *-nu*, que é adicionado à raiz verbal (Bacelar 2004). O aspecto projetivo estabelece um mapeamento temporal voltado para eventos futuros, destacando a ideia de planejamento ou previsão de ações. Tal característica evidencia um cuidado com a organização do futuro na visão de mundo e na mentalidade dos Kanoé.

Adicionalmente, a língua Kanoé distingue o tempo passado em pelo menos duas categorias importantes: uma ligada ao tempo mítico e outra a um passado remoto não atestado pelos falantes. Conforme notas de Aquino (2023), a expressão *eretyrotyrywatxe*, traduzida livremente como "há muito, muito, muito tempo" (segundo o falante Pura Kanoé), refere-se a um tempo muito antigo ou possivelmente mítico, que possa pertencer às narrativas de origem e cosmologia, mas também ao tempo não mítico das histórias contadas por sua mãe Tutuá, as quais ele não vivenciou, mas ouviu falar, bem como pelas histórias vivenciadas por ele em um tempo passado distante.

Já a expressão *nětsaketuroeně*, Bacelar (2013), descreve um tempo antigo atestado pelo falante, uma época distante, sem o caráter mítico ou sagrado, de certa forma fora da memória coletiva imediata, presentes os fatos desse tempo apenas na memória de alguns poucos falantes. Essas distinções tocam-se em limiares muito fluidos que demonstram como os Kanoé separam temporalidades diferentes, associando o tempo mítico a uma possível dimensão sagrada e remota, enquanto o tempo antigo, mas não mítico, é tratado como um passado histórico distante, podendo até mesmo ter um mesmo valor simbólico pelo fato de terem sofrido um genocídio marcante e interruptor de suas tradições orais provocando-se muito provavelmente um caos perceptível nessas divisões limítrofes, porém em muitas culturas, bastante delimitadas, de suas percepções temporais e espaciais em uma possível diferença de percepção temporal entre clãs.

Portanto, a categorização temporal na língua Kanoé não só organiza o tempo diário em relação ao corpo e ao movimento do Sol o qual percorre um caminho *Kwikajo kū* 'caminho do

Sol’, como também integra essas metáforas corporais e espaciais com distinções mais complexas sobre o passado e o futuro. As expressões temporais, tanto para o possível tempo mítico-não-mítico quanto para o tempo antigo atestado, mostram como a cultura Kanoé enriquece sua percepção do tempo, refletindo não apenas aspectos da experiência cotidiana, mas também da cosmologia e da história coletiva. Assim, o tempo, para os Kanoé, é uma construção que interliga o corpo, o espaço, a memória cultural e a espiritualidade, em consonância com os princípios da Teoria Contemporânea da Metáfora, e sobre o qual jamais pretende-se neste trabalho esgotar as análises as quais por ensejo necessitam de estudos mais aprofundados.

5. Considerações finais

Este trabalho procurou demonstrar que a língua Kanoé, classificada como uma língua isolada, oferece um exemplo notável da utilização de metáforas conceituais para estruturar a experiência humana, refletindo profundamente a cultura e a cosmologia desse grupo. A análise revelou que a divisão do dia em sete momentos, conforme notas de campo de Aquino (2021) associada ao corpo humano e ao movimento do Sol, exemplifica a metáfora do "tempo como espaço", demonstrando como fenômenos naturais são mapeados para a compreensão temporal.

Além disso, o uso metafórico de partes do corpo, como *ikutä* ‘cabeça’ e *itso* “mão”, para formar verbos que expressam tanto ações físicas quanto cognitivas, demonstra o mapeamento do concreto para o abstrato. Essa projeção, que conecta o corpo a processos mentais e sociais, reflete um fenômeno universal, mas com características específicas da cultura Kanoé, em que ações manuais são associadas a ações intelectuais e sociais, como ‘ensinar’, ‘aprender’, ‘dar’ e ‘pegar’.

A marcação do tempo na língua, que distingue o passado, presente e futuro, combinada com termos que enriquecem essa estrutura temporal, como *kamitsi* ‘ontem’, *miryimi* ‘hoje’ e *pejake* ‘amanhã’, além de elementos aspectuais como o morfema projetivo {-nu} para o futuro, revela uma organização temporal complexa que vai além da simples categorização cronológica. Esse sistema linguístico, ao mesmo tempo, expressa e reflete os nuances culturais e sociais dos Kanoé, demonstrando o papel estruturante das metáforas tanto na organização do tempo quanto nas interações sociais.

O uso de metáforas conceituais em termos como *itä* ‘pele’ ‘ou ‘casca de árvore’, que se estende para significar ‘roupa’, e *akitä* ‘céu’ lit. “casca da pedra”), revela a riqueza metafórica na língua Kanoé. Essas expressões, que relacionam o céu a uma camada protetora e conectam o corpo humano à natureza, demonstram como os Kanoé compreendem o universo físico e simbólico à sua volta.

Além de destacar essas particularidades, é importante ressaltar que, sendo o Kanoé uma língua isolada, sua análise fornece uma oportunidade única para aprofundar o entendimento das metáforas conceituais em um contexto linguístico e cultural distinto. A aplicação da Teoria das Metáforas Conceituais, conforme desenvolvida por Lakoff e Johnson, mostrou-se válida para a língua Kanoé, revelando como a estrutura linguística reflete esquemas cognitivos mais amplos. Contudo, é imperativo avançar nos estudos dessa língua, uma vez que está ameaçada de desaparecimento nas próximas décadas, com apenas três falantes plenos.

Dessa forma, a preservação e o estudo aprofundado da língua Kanoé não são apenas importantes para a documentação de uma língua em risco, mas também para a compreensão mais ampla das formas como as metáforas estruturam o pensamento humano e refletem a interação entre a linguagem, cognição, cultura e meio ambiente. O presente estudo reforça a importância das metáforas na organização do conhecimento, da experiência sensorial e da vida social e ambiental, e aponta para a urgência de novos esforços de pesquisa antes que essa língua se perca definitivamente.

Nesse sentido, Ailton Krenak (2019, 2020) amplia a noção de corporalidade desnaturalizando a separação entre corpo e natureza, visto essa relação ser tão imbricada, conforme mesmo e não particularmente ainda revelam alguns dados aqui expostos da língua Kanoé.

Referências

- Aksan, Mustafa (2011). The apocalypse happens when the feet take the position of the head: Figurative uses of ‘head’ and ‘feet’ in Turkish. In Zouheir Maalej and Ning Yu (eds.), *Embodiment via body parts: Studies from various languages and cultures* [Human Cognitive Processing 31], pp. 241-256. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/hcp.31.16aks>
- Algayer, Altair J.; Vaz, Antenor; Aquino, Letícia de Souza (2023). Isolados da Massaco, Akuntsú e Kanoé de recente contato e indígena (do buraco) Tanaru. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica (Seção Entrevista)* 15: 407-464. <https://doi.org/10.26512/rbla.v15i1.51983>
- Bacelar, Laercio Nora (1992). *Fonologia preliminar da língua Kanoé* (Dissertação de mestrado). Universidade de Brasília. Disponível em: <http://biblioteca.funai.gov.br/media/pdf/TESES/MFN-21.PDF>
- Bacelar, Laercio Nora (2004). *Gramática da língua Kanoé*. Katholieke Universiteit Nijmegen. Disponível em: <https://hdl.handle.net/2066/19429>
- Bacelar, Laercio Nora (org.) (2010). *Histórias de Francisco Kanoé* [Álbum]. Sem informações sobre a gravadora.
- Bacelar, Laercio Nora (2013). *Kapeãw Kanoé vararoe! “Vamos falar Kanoé!” Cartilha Escolar da língua Kanoé*, vol. II
- Bacelar, Laercio Nora; van der Voort, Hein (2023). Kanoé. In Patience Epps and Lev Michael (eds.), *Language isolates II: Kanoé to Yurakaré: An international handbook*. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110432732>
- Barcelona, Antonio (2003). *Metaphor and metonymy at the crossroads: A cognitive perspective* [Topics in English Linguistics 30]. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110894677>
- Cotrim, Rodrigo Guimarães P. M. (2017). Metáforas Xerente (Jê). *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 8(1): 35-45. <https://doi.org/10.26512/rbla.v8i1.16309>
- da Silva Sinha, Vera; Kamaiurá Sabino, Wary; Kaxinawá, Joaquim P. de Lima (2024). A construção social de tempo baseado em eventos nas culturas indígenas Awetý, Kamaiurá e Huni Kuĩ. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 16(1): 15-47. <https://doi.org/10.26512/rbla.v16i1.51931>
- De Carvalho, Rosileide B.; De Melo, Lucas B. (2019). Metáfora das emoções Kaiowá. *Revista Brasileira de Linguística Antropológica* 11(1): 53-64. <https://doi.org/10.26512/rbla.v11i1.26440>
- Gibbs Jr., Raymond W. (2006). *Embodiment and cognitive science*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511805844>
- Huelva Unternbäumen, Enrique (2023). *La construcción del tiempo: metáforas temporales en la lengua, la literatura y la filosofía*. Editorial Octaedro. <http://doi.org/10.36006/09560-1>
- Johnson, Mark (1987). *The body in the mind: The bodily basis of the meaning, imagination, and reason*. The University of Chicago Press.
- Kövecses, Zoltán (2002). Emotion concepts: Social constructionist and cognitive linguistics. In Susan R. Fussell (ed.), *The verbal communication of emotions*, pp. 109-124. Psychology Press.
- Kövecses, Zoltán (2005). *Metaphor in culture: Universality and variation*. Cambridge University Press. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511614408>
- Kövecses, Zoltán (2010). *Metaphor: A practical introduction* (2nd ed.). Oxford University Press.
- Krenak, Ailton (2019). *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras.
- Krenak, Ailton (2020). *A vida não é útil*. Companhia das Letras.
- Lakoff, George (1987). *Women, fire and dangerous things: What categories reveal about the mind*. The University of Chicago Press.
- Lakoff, George, and Johnson, Mark (1980). *Metaphors we live by*. University of Chicago Press.
- Lakoff, George, and Johnson, M. (1999). *Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought*. Basic Books.
- Littlemore, Jeannette (2015). *Metonymy: Hidden shortcuts in language, thought and communication* [Cambridge Studies in Cognitive Linguistics]. Cambridge University Press.
- Maalej, Zouheir A.; Sharifian, F. and Ning Yu. (2011). *Embodiment via body parts: Studies from various languages and cultures*. Presented at the International Cognitive Linguistics Conference, Kraków, Poland.
- Meireles, Denise Maldi (1989). *Guardiães da fronteira: Rio Guaporé, século XVIII*. Vozes.

- Panther, Klaus-Uwe and Thornburg, Linda L. (2007). Metonymy. In Dirk Geeraerts and Hubert Cuyckens (eds.), *The Oxford handbook of cognitive linguistics*, pp. 236-263. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199738632.013.0010>
- Rodrigues, Aryon D. (1986). *Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas*. Loyola.
- Ruiz de Mendoza Ibáñez, Francisco J. and Pérez Hernández, Lorena (2011). The contemporary theory of metaphor: Myths, developments and challenges. *Metaphor and Symbol* 26(3): 161-185. <https://doi.org/10.1080/10926488.2011.583189>
- Sinha, Cris; Da Silva Sinha, Vera; Zinken, Jörg and Sampaio, Wany (2011). When time is not space: The social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations in an Amazonian culture. *Language and Cognition* 3(1): 137-169. <https://doi.org/10.1515/LANGCOG.2011.006>
- Siahaan, Poppy (2011). Head and eye in German and Indonesian figurative uses. In Zouheir A. Maalej and Ning Yu (eds.), *Embodiment via body parts: Studies from various languages and cultures* [Human cognitive processing 31], pp. 93-114. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/hcp.31.08sia>
- Sharifian, Farzad; Dirven, René; Yu, Ning and Niemeier, Suzanne (eds.) (2008). *Culture, body, and language: Conceptualizations of internal body organs across cultures and languages* [Applications of cognitive linguistics 7]. De Gruyter Mouton. <https://doi.org/10.1515/9783110199109>
- Sharifian, Farzad (2011). Conceptualizations of cheshm ‘eye’ in Persian. In Zouheir Maalej and Ning Yu (eds.), *Embodiment via body parts: Studies from various languages and cultures*, pp. 241-256. John Benjamins. <https://doi.org/10.1075/hcp.31.14sha>
- Yu, Ning (2003). Chinese metaphors of thinking. *Cognitive Linguistics* 14(2-3): 141-165. <https://doi.org/10.1515/cogl.2003.006>

CRedit – Taxonomia de papéis de colaboração acadêmica

Agradecimentos: Agradecemos ao povo Kanoé e à FUNAI pelo apoio e colaboração fundamentais para a realização desta pesquisa.

Declaração de conflito de interesse: Os autores declaram que não há conflitos de interesse relacionados a este estudo.

Contribuição do autor/autores: Aquino foi responsável pela coleta de dados no contexto da pesquisa de doutorado sobre a língua Kanoé, conduzida em colaboração com os falantes Kanoé. A análise foi desenvolvida pelos três autores.

Ética em pesquisa com seres humanos: Esta pesquisa foi conduzida em conformidade com os padrões éticos estabelecidos para pesquisas com seres humanos, garantindo o respeito aos participantes e às diretrizes éticas vigentes.

Financiamento da pesquisa: Este estudo não recebeu financiamento de nenhuma instituição pública ou privada.

Submissão recebida: 30/1/2025

Versão revista 10/3/2025

Aceito: 12/3/2025

Publicado: 13/3/2025